

# A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

Todos os que lutamos por uma sociedade melhor temos de ser suficientemente otimistas para compreender que o homem não necessita de castigos nem de recompensas privados para cumprir com os seus deveres. — S. Gustavo

## Fabricantes de Miséria

Volta-se a falar, com a insistência adequada aos balões de ensaio no preparo da opinião pública, na volta ao regime do pão mixto e no aumento do preço da carne.

A tendência que se verificou durante um curto espaço de tempo na estabilização dos artigos de primeira necessidade, começa a sofrer as arremetidas dos açambarcadores com as notícias distribuídas à imprensa sobre a escassez de produtos imprescindíveis ao alimento das classes pobres, que o capitalismo quer reduzir ainda mais à impotência pela fome.

Ainda há pouco tempo foi denunciada pela imprensa a manobra criminosa dos "tubarões" fabricantes de miséria, que, com o propósito de fazer faltar nos mercados a farinha de trigo, deixam de retirar as encomendas dos portos de desembarque, provocando o congestionamento, e a consequente perda de milhões de sacas de farinha, que abandonam ao tempo e à deterioração.

Com relação aos produtos cultivados em nosso país, essa manobra adquire aspectos ainda mais revoltantes.

Vivemos em um país privilegiado, que tudo produz fartamente, e cujas terras dispõem ainda o preparo e os cuidados daqueles que a cultivam, ao contrário do que se passa nos países do velho mundo, em que a produção só é possível à custa de ingentes esforços e adubos cada vez mais raros.

Podia-se viver aqui nadando na abundância de tudo, se, acompanhando o progresso da lavoura mecanizada, a agricultura se fizesse de uma forma racional e com o objetivo de abastecer as populações. Entretanto, sabe-se que os pequenos agricultores estão abandonando as lavouras por não haver quem lhes compre os produtos, ou, se há compradores, estes lhes pagam tão mal, que, em face do elevado custo da vida, preferem a vida atribulada dos grandes centros, para onde emigram em busca de trabalho, à perspectiva de morrerem de fome.

E' esta a lógica da organização capitalista: tudo está caro porque há escassez de produtos; há escassez de tudo, porque não há quem compre nada!

Disso se aproveitaram aqueles que, ligados pelo interesse da exploração, acabam sempre por se entender no propósito de elevar cada vez mais o custo da vida, porque isso lhes traz a vantagem de acumular fortunas rápidas, não se importando se o povo se alimenta mal, ou mesmo, se não se alimenta.

Enquanto isso, as ruas se enchem de maltrapilhos e viciados, os hospitais se abarrotam de homens, mulheres e crianças vítimas de moléstias contraias em consequência de seus organismos estarem decaídos e empobrecidos.

As perspectivas da crise se acentuam, tornando-se cada vez mais sombrias. Depois do aumento dos transportes, o aumento da carne e a volta ao pão mixto com o seu cortejo de explorações e cambio negro.

Os governantes, como sempre, nada podem fazer, porque tem interesses ligados aos exploradores, que, com o dinheiro arrancado ao povo, são donos da política e de toda a engenharia social que lhes permite continuar a ser fabricantes de miséria.

Para mais ainda agravar a situação angustiosa do povo, no horizonte internacional surgem nuvens sombrias com as ameaças de novas guerras.

A humanidade está, de novo, à beira do abismo, empurrada pelo choque de interesses antagonicos no cenário da política internacional.

De um lado, o capitalismo americano e inglês com a característica do pavôr estampado no aspecto de todas as conferências internacionais, em cujo preparo se gastam milhões que são arrancados à miséria dos explorados, ante a ameaça do domínio soviético, que, por sua vez, formando o outro lado deste quadro pavoroso, arreganha os dentes para esconder o pavôr da destruição atômica, dando mostras do que será capaz, no sentido da anulação da individualidade humana, com a ação política que vem desenvolvendo nos países balcânicos.

Tem-se a impressão, ao verificarmos o panorama do mundo, de estarmos assistindo à formação de um temporal em que todas as forças se conjugam para a destruição de tudo e de todos.

Souza Passos

## TEMAS DO MOMENTO

O quebra-quebra, nesta cidade, do dia primeiro do corrente mês, deu ensejo a que os retardatários discípulos de Gustavo Le Bon, mais uma vez se pronunciassem a respeito da psicologia das multidões. E alguns — coisa curiosa — com tal subversividade o fizeram, que sua atitude está longe de recomendar a psicologia individual, na presunção de se querer colocar acima da psicologia das coletividades, sempre apontada como um produto da irreflexão. O processo foi o mesmo do qual usou e abusou o famigerado mestre: beliscando e afagando, voltar de novo a beliscar para em seguida afagar as multidões. Um ou outro mais reacionário, beliscou mas não afagou. Em resumo: muito barulho, muita sentença, para, em última análise, cair-se nesse lugar comum, nessa vulgaridade, na qual, em dados momentos, todos estamos sujeitos a tropicar: — "Pois ; cada qual de nós tem os seus defeitos, mas também tem as suas qualidades". E aqui estamos em uma encruzilhada, que, como ponto de partida, não sabemos qual dos caminhos a seguir para separar a psicologia dos indivíduos das multidões.

Incontestavelmente, Le Bon foi um

## Da Psicologia das Multidões

grande escritor, um sábio. Suas primeiras obras, principalmente AS CIVILIZAÇÕES DA ÍNDIA, prestaram um grande serviço ao humano saber. Primou pela clareza, sendo pela qual, aliás, se tem conduzido sempre os sábios, com exceção dos psicólogos e dos metafísicos. Por isso, quando se quer analisá-lo, há por onde se lhe possa pegar. Quando, se dedicou à psicologia e à sociologia, Le Bon tornou-se, voluntariamente ou não, um filósofo oficial ao serviço da burguesia. A ORIGEM DAS ESPÉCIES de Darwin, os conservadores e os reacionários deram um sentido unilateral, unilateral e inalterável, posto que científico, segundo o qual, na luta pela vida triunfarão, porque sempre triunfarão, os mais fortes. E os mais fortes, neste caso, seriam os sábios (que não se confundam, irrefletidamente, sábios com sábios) e os velhacos. Pois com algumas das obras de Gustavo Le Bon, tem-se dado o mesmo, isto é, a burguesia delas se tem valido para, em momentos oportunos, malinhar o povo. A PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES, então, tem sido o gato morto com que sempre se tem esfregado o nariz das massas, dizendo-lhes que, através da história, elas nada mais

tem feito que destruir. Disto somos obrigados a deduzir, é claro, que, desde as pirâmides do Egito nos trabalhos de Volta Redonda, tudo tem sido construído pelas elites. As pirâmides foram erigidas pelos faraões e Volta Redonda por Getúlio Vargas e mais meia dúzia de engenheiros.

Gustavo Le Bon, dedicou-se à sociologia e à psicologia; mas como sociólogo, muitas vezes foi de uma infelicidade única; por não conhecer bem as ramificações do socialismo, principalmente do socialismo libertário. Deu-se com ele o que, aliás, já se tinha dado com Augusto Comte. Este grande pensador, depois de haver criado o método, mais eficiente como demolidor de todas as religiões, acabou por "criar" uma religião com todos os paramentos morais da mais vulgar das religiões — a católica.

Há um atenuante, porém, em favor de Augusto Comte: no seu tempo ainda não eram conhecidos os princípios da ética moderna, baseada nas leis da própria natureza humana, no sentido de uma moral sem obrigação nem sanção.

Como sociólogo Le Bon também se tornou errôneo, não só porque a psicologia é um terreno muito movediço, e, portanto, perigoso para quem nele se queira meter com honestidade, como, também, por haver sido um psicólogo de gabinete. Conta que certa vez uma multidão se dirigia, em algazarra, não me lembro agora para onde; Le Bon, que de longe a observava, desde a janela do seu gabinete de trabalho, teria, então, exclamado: "Lá vai a legião do crime!" Psicologia à distância, como se vê. Psicologia do povo de S. Paulo, observada desde Baurá.

Estranhou-se que entre as multidões que no dia primeiro se entregaram ao quebra-quebra, não se encontrassem pessoas bem vestidas e educadas, e isso parece confirmar a opinião de Le Bon, de que tais pessoas, isoladamente, são comportadas, mas que, uma vez no meio das turmas, não podem deixar de sofrer a influência destas. Mas é preciso que tenhamos em conta que, quando sob um sol abrasador ou uma chuva torrencial, esperamos um ônibus meia hora e que, depois que parte, engulfa no meio do caminho; que quando esperamos um bonde que nunca chega e quando chega é, muitas vezes, para nos dizer que recolhe, é preciso que tenhamos em conta, digo, que a psicologia, o estado de ânimo de todas aquelas pessoas para com as empresas dos referidos veículos, é idêntico, quer tomado isoladamente, quer em conjunto, quer se trate de pessoas cultas ou incultas.

Do que vim a ler sobre os acontecimentos do dia 1.º do corrente mês, quem andou com mais acerto, segundo meu modo de ver, foi V. Cy, não obstante haver tratado do caso à distância. "Como o indivíduo, — afirma ele pelas colunas do O ESTADO DE S. PAULO — uma coletividade sofre, sofre, até não poder mais. Mas a capacidade de aguentar também se desgasta, como tudo que é humano. Lá chega um dia em que ocorre aquele fenômeno simbolizado nas imagens da literatura corriqueira pela gota d'água que faz transbordar o copo, pelo grão de areia que faz pender a balança. E então, dá-se a explosão. O indivíduo enfurecido dá por pau e por pedras, quebra a louça doméstica, atira pontapés nos móveis, joga os badalques pelas janelas, arranca os cabelos, esmurra as portas, bate com a própria cabeça nas paredes. Não adianta nada, já se vê. Mas foi a válvula pela qual se aliviou a fúria interior. Quando volta a calma, o sujeito começa a recolher o que não se quebrou e a calcular os prejuízos. Só ele foi prejudicado?"

Em seguida V. Cy expõe as relações que existem entre este estado de ânimo do indivíduo e das multidões. Já sei que, em teoria, esta é uma parte da questão que pode dar azo a uma infinita polêmica; mas seja como for, nunca sairemos de variações que obedecem ao mesmo tema.

Eu transcrevi as palavras de V. Cy, mais porque elas sintetizam admiravelmente, com compreensão, equilíbrio e bom senso, e, sobretudo, com grande dose de humanismo, a razão de ser dos acontecimentos como o que se deu em S. Paulo.

Osvaldo Salgueiro



Cênas como esta, de pavorosa miséria, são comuns nas casas proletárias. Isto são coisas que não interessam aos magnatas reunidos no luxuoso Hotel Quitandinha, na conferência de Petrópolis...

## VIOLENCIAS POLICIAIS NO RIO

Os jornais noticiaram há dias, em comentários do Rio, que foi dissolvido à bala e com o emprego de bombas de gás lacrimogênio um comício organizado com o propósito de comemorar a participação do Brasil na guerra contra o eixo, anunciada para a Esplanada do Castelo.

Ao que parece, um dos oradores, julgando-se no gozo das prerrogativas de um regime democrático, pretendeu fazer uso da liberdade que lhe é conferida pelas garantias constitucionais, criticando a ação do Governo constituído em face de certos problemas a que prometeu solução e que até agora não foram solucionados.

O assanamento dos beaguins policiais que, autorizados ou não, dissolveram o comício à bala, tem todas as características do regime fascista que os soldados da FEB, pensaram haver destruído nos campos da Itália, com a batalha de Monte Castelo, em que muitos perderam a vida e da qual outros voltaram mutilados.

Deve constituir uma decepção tremenda para aqueles que, vestindo a farda com o símbolo de a cobra está fumando... assistem agora essa atitude violenta da polícia do Rio, que ataca à mão armada o povo reunido em praça pública, que dissolve comícios à gás lacrimogênio e provoca pânico e tumultos de que saem feridas pessoas indefesas que se julgam garantidas pelas decantadas leis da democracia!

E foi para ter essa compensação que os praçinhos foram à Itália sofrer os horrores da guerra, que de lá voltaram muitos sem braços e sem pernas e exibem agora nas ruas de São Paulo e Rio a cadeira de rodas em que se locomovem ou as muletas a que se encostam, conseguidas, na maior parte das vezes, com o produto da mendicância sentimental de instituições que vivem a distribuir caridade.

Plebeu

## A CONFERÊNCIA DE PETROPOLIS E A QUESTÃO SOCIAL

O capitalismo internacional está apavorado com as consequências desastrosas da guerra mundial, que provocou criminosamente, e na qual perderam a vida muitos milhões de seres humanos.

Por essa razão, reunidos mais uma vez, depois do fracasso de todas as outras conferências, no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, tiveram, os representantes da alta finança internacional, o cuidado de afastar o pro-

blema das questões econômicas dos assuntos a discutir.

Esses problemas poderiam trazer complicações com os povos dos países ali representados, porque a discussão desses problemas implicaria na confissão da impotência de todos os governos para resolver os problemas sociais.

O que não resta dúvida, o que ressalta desse conclave em que a sra.

Eva Peron não se sentiu muito à vontade por causa das intrigas diplomáticas, é que, para o preparo dessa luxuosa apresentação de figuras representativas da tirania internacional, foram gastos alguns milhões de cruzeiros que os produtores de todos os países devem pagar, embora passem fome e não tenham casa para morar nem escolas para educar os filhos...

# Pelo Mundo Anárquico

## As coletividades espanholas

Os operários coletivistas, conscientes de seus deveres sociais, aspiravam a trabalhar quanto mais e melhor para um rendimento mais quantitativo e de produção mais perfeita.

Não é possível penetrar-se profundamente no estudo da economia coletiva sem se conhecer, pelo menos superficialmente, quais os conceitos fundamentais que orientam esta matéria. Por assim o julgarmos, daremos uma idéia do que nos foi dado conceber vivendo este período da revolução espanhola, e das conclusões a que chegamos pelo exame desapassionado da questão.

### Nacionalização

O que entende a C. N. T. por nacionalização?

C. N. T. condena rotundamente o princípio de economia centralizada e dirigida pelo Estado. Nega valor

a essa teoria que faculta aos governos apoderar-se de uma indústria para confiar a sua gestão a um comitê controlado pelo delegado do Estado. Esse método é contraproducente, visto não favorecer nem aos produtores nem aos consumidores. Si os operários são assalariados de um patrão, dentro do regime capitalista, continuam sendo escravos do salário e explorados pelo Comitê gestor. Si no regime patronal os operários são relegados à função de trabalhar e obedecer aos feitores e encarregados de seções, idêntica é a sua situação no sistema de nacionalização, visto ficarem submetidos à obediência disciplinar a todos os funcionários do Estado encarregados desses serviços.

Os Correios e Telegrafos são exemplos do que afirmamos, bem como os caminhos de ferro, principalmente na França, em que esses serviços estão afetos ao Estado.

A nacionalização dá origem à burocracia parasitária em detrimento dos interesses gerais do povo.

Quanto à municipalização, célula vertebral da socialização na órbita nacional de um país, é um princípio que foi aceito e permitiu a elaboração de um plano de socialização das habitações, sem causar transtorno algum. O que neste sentido se realizou na cidade de Badalona, pode ser tido como modelo de fácil aplicação em benefício do povo e das suas realizações culturais.

O princípio de socialização é uma concepção velha, que não teve ainda aplicação prática, na história, mas que constituiu excelente ensaio durante a revolução na Espanha.

Os anarquistas opõem à concepção marxista — "A terra deve pertencer a quem trabalha" — e as fábricas ou minas para os operários", "que os campos, as fábricas e as minas devem constituir elementos de produção para os operários, nunca, porém, propriedades destes, individualmente, mas sim da coletividade. Dentro desse conceito, os anarquistas partem do princípio de que tudo é produto do conjunto de esforços, e que, por isso, todos, absolutamente todos os que produzem, como aqueles que ainda não podem produzir ou que deixaram de produzir, — crianças ou velhos, — têm absoluto direito de desfrutar e gozar dos benefícios da riqueza socializada. Em poucas palavras, os produtos manufaturados, os frutos da agricultura, o uso de todas as estradas e meios de transporte, pertencem a todos os consumidores sem distinção de sexo nem idade.

Pierre Besnard

Há coisas que a gente não chega a compreender, na barafunda desta trapalhada social em que vivemos.

Uma notícia divulgada há dias por certo vespertino, nos conta uma história de cebolas que, vindas lá das bandas do Egito, aqui chegam para serem vendidas por um preço muitíssimo mais barato do que aquelas que são produzidas nos arredores da capital bandeirante.

A diferença é de três cruzeiros por quilo, o que parece um absurdo, mas é verdade!

Pois é, das terras dos faraós, das majestosas pirâmides e das esfinges enigmáticas, atravessando desertos arenosos e suportando os vendavais escaldantes do Simom, veem cebolas fresquinhas, lendariamente, como se fossem contos das mil e uma noites, para satisfazer as donas de casa desta Pauleira desvairada e matar de vergonha as cebolas de nossa terra, caras e inacessíveis.

Bem, é que o Nilo não deixa passar os "tubarões" ou estes morrem à sede nos desertos do Sahara!...

### BREVEMENTE!

"O ANARQUISMO AO ALCANCE DE TODOS" Livro do Prof. JOSE OITICICA

### "A luta anti-Socialista"

Por lamentável engano de revisão, em o numero passado de "A Plebe" saiu com este titulo um artigo referente à S.I.A., na ultima pagina, de autoria de A. V., em uma pequena parte da edição.

Felizmente, na maioria dos exemplares foi esse titulo substituido por Luta Anti Fascista, que era o verdadeiro titulo daquele trabalho de colaboração.

Pedimos desculpas ao companheiro colaborador de "A Plebe" por essa involuntaria mutilação de seu artigo e para os leitores aqui fica a retificação.

### O ESTADO

Desnecessário é recordar que a Igreja e o Estado foram, através dos tempos, a força política a que as classes privilegiadas, logo no nascedouro da sua formação, recorreram para firmarem sédamente a sua organização como classes definitivamente estabelecidas, armadas, pela crença e pela lei, de todos os poderes para o exercício de seus privilégios sobre os demais homens. O Estado foi a instituição que melhor serviu para fundar esse seguro mútuo que lhes garantia o uso e o gozo desse direito.

P. Kropotkine

# O ANARQUISMO E A REALIDADE BRASILEIRA

PEDRO CATALO

Não há que ver, senhores, a riqueza social está mal distribuída. A mentalidade colonial que sempre norteou os governos do Brasil, quer aqueles que tinham a vitória garantida na fraudulência das urnas, quer aqueles que, envolvendo um lenço vermelho no pescoço, traíram os postulados da democracia prometida, já não terá cabida no intercâmbio das relações coletivas. Novas formas de vida, dentro de um quadro de reformas nitidamente socialistas, impõem-se, como condição essencial, no reajustamento da ordem econômica universal.

Já não é possível iludir a experiência e as necessidades dos trabalhadores. Reclamamos a intervenção direta na economia do país uma vez que somos, de fato, os autores genuínos de todo o patrimônio social. Não delegamos a ninguém a solução dos nossos problemas. Fomos enganados sempre. Chefes e caudilhos, líderes e "condotieiros", traíram sempre as causas de que fizeram plataformas para as campanhas eleitorais. Os engodos que pareciam conquistas são, hoje, meras delusões. As oito horas de trabalho, de trabalho matematicamente calculado dentro do interesse particular do patrão, não pode constituir uma aspiração do proletariado. O direito de greve conservando em plena forma os piquetes de cavalaria, o corpo numeroso de agentes da ordem política e social e o batalhão de choque da policia especial, com seus carros de assalto e suas bombas lacrimogêneas, é uma conquista de pouca significação. Os institutos de aposentadorias, onde há funcionários que percebem ordenados de 6 mil cruzeiros e viviam com dois filhinhos aposentados com 125 cruzeiros mensais, é uma deplorável e grosseira burla. E deixemos de seguir enumerando as "beneficências" apregoadas em discursos e banquetes, porque são de domínio público

### II

e também porque os lucros extraordinários que entulham e congestionam as caixas fortes de industriais e comerciantes atestam o contrario dos pregões oficiais.

Queremos ser ouvidos, consultados e contemplados em nossas aspirações. Exigimos reformas substanciais de caráter imediato, uma vez que, governos e políticos, partidos e preladados, estudantes e intelectuais, são unânimes em reconhecer a alarmante e clamorosa situação em que se encontra o operário do campo e da cidade. E' este, precisamente, o ponto nevrálgico da questão. E digamos de passagem: o advento do fascismo só foi possível porque a democracia, sob o pretexto de combater o comunismo, comprimia cada vez mais a classe trabalhadora, não se importando que isso favorecesse consideravelmente a propagação dos partidos totalitários. E, si se quer evitar, sinceramente, o ressurgimento dessas forças brutais padronizadas em camisas de varias cores, é necessário resolver definitivamente o problema dos trabalhadores. Ditemos, para que se saiba, que as reivindicações operárias nem são comunistas russas, nem fascistas de nenhuma especie. São, alem de proletárias, humanas. E por serem humanas, queremos um lugar ao sol onde possamos lutar pelas conquistas do povo.

A liberdade deve iluminar todos os setores. E nós, trabalhadores, organizados em sindicatos livres, como expressão profissional e como elemento de defesa, integrados nas federações regionais e destas para a grande confederação operária nacional, participaremos voluntariosos na reconstrução de um mundo novo. Su-

gerimos, como primeiro passo para as grandes realizações socialistas do futuro, a abolição de certas profissões, por serem reconhecidamente inúteis, prejudiciais e imorais até, incorporando os seus componentes nos quadros das profissões que elaboram, de fato, a riqueza da nação. Desta maneira, com menos horas de trabalho, obteremos maior soma de conforto e bem estar.

Alimentamos o firme e decidido proposito de impedir que novas guerras venham trucidar populações, devastar cidades e aumentar as legiões de orfãos e viúvas. Optamos, por isso, que os exércitos triunfantes da derrocada fascista continuem a sua obra util e de regeneração, construindo pontes, estendendo estradas de ferro, edificando escolas e casas confortáveis para os caponês, saneando regiões e arroteando terras, completando, assim, a grande sociedade produtora que será o mundo novo que se espera.

Um homem explorar a outro homem para viver é desumano e imoral. O progresso da mecânica, a riqueza inesgotável da terra, e as conquistas científicas a que atingimos, permitem, si queremos, corporificar um sistema de vida baseado no intercâmbio de produtos, em lugar do cambio negro e do fraudulento jogo das finanças. Aristocratizemos o trabalho, tornando-o facil e atraente. Ninguém se negará a executá-lo, ninguém desertará do sagrado dever de produzir para consumir.

Sejamos dignos do momento histórico que atravessamos. Que as gerações futuras não tenham que amaldiçoar-nos. Irmanados todos, homens e mulheres, tímidos e corajosos, idealistas ou não, humanistas e revolucionarios, congreguemos as nossas energias e construamos a sociedade ideal, paz de liberdade, de respeito e de bem estar para todos.

F I M

# Galileioscópio

## IRONIA DO DESTINO

Depois de ter levado toda a sua existência a proclamar a não resistência à violência, Gandhi acaba de ser, afinal de contas, perseguido por esta.

Segundo um telegrama proveniente de Calcutá, cerca de uns mil jovens apedrejaram a casa onde se achavam reunidos o "mahatma" e o primeiro ministro mulmulmano de Bengala, numa tentativa para restaurar a paz comunal na cidade. "Volte para o lugar de onde veio", disseram os jovens a Gandhi sem lhe permitirem que realizasse as suas habituais preces da tarde.

Gandhi foi sempre um errado. Saturado de misticismo até à medula, o "mahatma" tem vivido sempre nas nuvens. Jamais se encontrou a si mesmo, conforme costumam dizer os proprios místicos, para outros casos que não o de Gandhi. Ou talvez se tenha encontrado a si mesmo, pelo que, não ponde encontrar a solução dos problemas do povo indú (ou hindú)?

Consta que na India, o sal é mais abundante, por todos os cantos, que a areia da Praia Grande. Ora, Gandhi prega aos indianos, a não resistência ao mal. E para os indianos o mal é, alem de outros, o não se poderem servir desse sal, que por lei natural lhes pertence, mas que pelas leis dos códigos, pertence aos ingleses.

Contudo, e ainda segundo os ultimos telegramas, os indús ainda consideram Gandhi como um santo. Pode ser que seja, mas tambem pode ser que não seja; mesmo porque nem tudo que luz é ouro. Tambem pode ser que o povo que julga Gandhi como sendo um santo, seja mais santo que o próprio santo. Ou não é?

Seja como for, parece-me que a época dos santos já há muito tempo passou à história, como, allás, mul sábia e prudentemente, nos vem ensinando a Igreja com o seu processo de canonizar. Assim, a juventude indú mais esclarecida e menos reverente, quando Gandhi se obstina em querer resolver a seu modo os problemas da India, chega perto dele e diz-lhe: "Volte para o lugar de onde veio". Que é como quem diz: "Velhinho, vá para a cama, que é lugar quente".

## NA RUSSIA... COMUNISTA

Ultimamente as leis penais russas foram modificadas no sentido de as tornar ainda mais rigorosas contra os que atentarem contra a propriedade privada, não só a do Estado, por ser a mais sagrada das propriedades, como tambem a particular. Como se vê, a Russia caminha a passos largos para... o comunismo.

## JA' VAI TARDE

Apesar de toda a sua enfação, parece que a sra. Peron vem sendo recebida, aqui, com mais salamaletes do que manda o protocolo. E tudo isso por que? Por causa de um pedaço de pão?

Maldita seja a mendicância! Quando estas linhas forem publicadas, a sra. Peron já terá partido. E já vai tarde...

## AFORISMO RELIGIOSO

A ignorância é superior à sabedoria.

— Por que?

Porque a primeira vem de Deus e a segunda dos homens.

O. S.

## O PAI DO "MONSTRO" FALOU...

Em face da indignação causada em todos os meios sociais pelo pro-

jeto da monstruosa nova Lei de Segurança, apresentada ao Senado pelo ministro Costa Neto, o seu autor veio a público para dizer que aquela lei, ao contrario do que pensavam, era uma inocente e cândida plantazinha do seu jardim democratico.

Que a sua sombra não medrava a serpente da ditadura, porque esta não gosta de flores regadas com o orvalho das manhãs brasileiras, e que, portanto, não se justificava a gritaria que por aí se fazia por causa de uma coisa sem importancia... Que muitos a tinham lido mas não a tinham compreendido, ou, pelo menos, compreendido erradamente aquilo que estava claro.

Será o Benedito?...

# Correio Plebeu

P. MAIA — Rio — Fiéis à orientação que de inicio vimos seguindo com a publicação de "A Plebe", publicamos hoje, na seção Coisas Nossas, a sua ultima carta, bem como o seu artigo que já estava destinado ao presente numero e que seria publicado mesmo que não houvessemos recebido a sua carta.

Parece-nos que o companheiro não interpretou bem a nossa nota ao accusarmos, por esta seção, o recebimento de seu trabalho. Nela diziamos que o seu artigo seria aproveitado em outra oportunidade, pois desejavamos aproveitar o espaço, no momento, para assuntos mais objetivos, pela mesma razão que, si em vez de "A Plebe", estivessemos no desempenho das mesmas funções em "A Lanterna", teriamos preterido qualquer trabalho essencialmente anarquista para publicar assuntos anticlericais.

Não pode ser posto em duvida o nosso anticlericalismo, posto que "A Lanterna", que foi, até hoje, o mais arrojado grito de alerta contra o ultramontanismo, refletia o nosso ponto de vista nesse campo da luta pela liberdade.

Não creia que nos zangamos com os dizeres de sua carta. Ao contrario, é assim que nós entendemos que devem proceder os anarquistas.

O livre exame e a critica livre é a nossa norma de conduta; e "A Plebe" é um jornal do movimento libertário, que desejamos seja um livro aberto ao exame de todos aqueles que, como nós, sentem a vida das idéias.

## Curso de Higiene Mental

Estão marcadas para o mês de Setembro corrente, em continuação à série de aulas já realizadas, mais as seguintes conferencias do curso de higiene mental promovido pela Universidade Popular "Presidente Roosevelt" em colaboração com o Centro de Cultura Social:

Dia 1 — Higiene mental e religião — pelo dr. José Ferraz Sales;

Dia 8 — Higiene mental e politica — pelo dr. Pedro da Silva Dantas;

Dia 15 — Higiene mental e civilização — pelo dr. Anthero Barradas Barata.

Conforme já tem sido anunciado, as aulas deste curso são levadas a efeito no salão do Gremio Dramático Hispano-Americano, à rua do Gazometro, 738.

Entrada franca.

## JORNAIS RECEBIDOS

"Ação Direta" — Quinzenário anarquista, do Rio, fundado por José Oltica e, atualmente sob a orientação do professor Serafim Porto.

"O Archote" — de Niterói, Estado do Rio, mimeografado, cuja publicação se deve ao esforço do camarada Raul Vital, jovem e entusiasta elemento do anarquismo em nosso país.

"Orientação Socialista" — desta Capital, que se publica sob a direção de José Stachini, e dedicado à defesa da politica trostkista do marxismo.

"Cultura Proletária" — de Nova York, Estados Unidos. Jornal anarquista fundado há 29 anos, um dos jornais mais completos do nosso movimento, sempre interessante e no qual colaboram destacados elementos da imprensa libertária.

"Acción Libertaria" — de Buenos Aires, Argentina, órgão da Federação Anarco-Comunista Argentina (F.A.C.A.). O numero que temos à mão foi dedicado à comemoração do 1.º de Maio, compilado com carinho e vem cheio de ensinamentos uteis para a propaganda. Entre outros assuntos de grande interesse para o movimento anarquista, "Acción Libertaria" publica varias biografias de pensadores e intelectuais anarquistas: Proudhon, Eliseu Reclus, Miguel Bakunine, Errico Malatesta, Luggi Bertoni, Pedro Kropotkine, Sebastian Faure, Luis Fabbri, Rudolf Rocker e outros.

"La Protesta" — Buenos Aires, numero comemorativo do cinquentenário de sua fundação. Este vibrante e quasi lendário órgão anarquista, apesar da reação desencadeada pelo peronismo, apresenta-se como sempre foi: vivo, dinámico, tratando dos assuntos referentes ao movimento libertário com o criterio de sempre.

O numero que temos presente constituiu uma demonstração da capacidade organizadora dos camaradas argentinos, pois "La Protesta", que tem a sua história assinalada por episodios curiosos de perseguições e de luta, reaparece agora com a mesma firmeza de convicções anárquicas.

"La Obra" — com a orientação anarquista de "La Antorcha", temos à mão o n.º 58 do ano XII deste bem feito jornal do pensamento crítico e artistico do nosso movimento.

Nele reaparecem os escritos de Rodolfo Gonzalez Pacheco, que durante muitos anos, com o titulo de "Carteles", deram a "La Antorcha" um aspecto característico.

Recebemos ainda "Scintilla", de Napoli, "Tierra y Libertad" do México, "L'Adunata dei Refrattari", de Nova York e "Le Libertaire", de Paris, de que nos ocuparemos em próximos numeros.

## Semeando Ideias...

As pugnas eleitorais convertem-se em grosseiras burlas de mercenários ou em pugilatos de aventureiros. A sua justificação está a cargo de eleitores inocentes, que vão as urnas como se fossem a uma festa.

Os políticos assaltam o parlamento para entregar-se a especulações lucrativas.

Vendem o seu voto a empresas que mordem as arcas do Estado; prestizam projetos de grandes negocios com o erario publico, cobrando seus discursos a tanto por minuto; pagam com dádivas oficiais aos seus eleitores, comerciam a sua influencia para obter concessões em favor da sua clientela. Os homens de negocios estão sempre com a maioria. Apolam todos os governos.

José Ingenieros

# PELO MUNDO ANARQUISTA

## A REAÇÃO POLITICO-PATRONAL DO PAÍS VIZINHO SE ATIRA ENCARNIÇADAMENTE CONTRA OS TRABALHADORES DA FEDERAÇÃO OPERARIA REGIONAL ARGENTINA — (F. O. R. A.)

É classicamente conhecido o ódio acirrado e o medo pavoroso que sempre tiveram os sequeiros do capitalismo ao movimento da F. O. R. A., principalmente por parte dos políticos de todas as laias e matizes. É lógico que isso aconteça. É que a F. O. R. A. representa algo mais que uma oposição incidental, tal como o são os politiquês caídos em desgraça.

A F. O. R. A. representa um movimento de transformação social, e no seu espírito revolucionário está implicitamente declarada a morte do sistema atual com todos os elementos que o compõem.

Em suma: esse movimento está contra todos os que, de uma ou de outra forma, sustentavam o regime capitalista da sociedade atual, e disputam entre si o patrimônio da coisa pública para se locupletarem com o produto daqueles que formam a classe assalariada.

A história se repete uma e cem vezes. Não há países em que isto não suceda. Em qualquer parte onde se vislumbre a tendência anarquista, automaticamente são apontadas para ela as armas da reação.

Não há exceções de natureza alguma, tanto que, nem na Rússia soviética e pretendidamente socialista os anarquistas se livram das perseguições e castigos em prática nos Estados burgueses a reacionários.

### ARGENTINA Em San Martín

Na localidade de San Martín, o grêmio dos padeiros, agrupados desde há tantos anos e aderidos à F. O. R. A., foi vítima de violências político-policiais, das quais resultou o desmembramento de seus quadros e tornou possível a entrega desse grêmio à organização patronal e à política oficial.

Em essa tarefa, doloroso é constatar, cooperaram destacadamente, demonstrando a sua inconsciência e espírito de submissão, os lacaios do oficialismo e da C. G. T.

Em San Miguel, sem nenhuma razão digna da mais elementar explicação, mesmo dentro do conceito re-

pressivo do capitalismo, foram também perseguidos e fechada a sua sede, com o maligno propósito de semear a discórdia e impossibilitar os panificadores de lutar pelas suas reivindicações imediatas, dentro dos métodos típicos da sua organização aderida à F. O. R. A.

O mesmo aconteceu em Matanza, onde foi igualmente fechada a sede da sua organização de classe.

Desde há muito tempo a Federação de Ladrilheiros, com filiação cegetista, e a Secretaria do Trabalho, veem realizando tropelias de toda a espécie contra os trabalhadores do ladrilho, existindo de fato um estado de terror que aumenta à medida que os trabalhadores vão organizando a sua recuperação moral e material e pugnam pelo restabelecimento da sua instituição majoritívista.

Quanto a outras localidades, como sejam — Quilmes, San Fernando, Avellaneda, etc., o processo é o mesmo, com ligeiras variantes.

Em face deste estado de coisas, a Federação Obreira Provincial de Buenos Aires concita o proletariado no sentido de tomar uma atitude decisiva que ponha termo a estes desmandos do peronismo.

### CUBA

A Associação Libertária de Cuba realizou em abril uma conferência nacional, na qual trataram dos seguintes pontos: assuntos sindicais; assuntos camponeses; relações com os setores revolucionários; imprensa, escola sindical e congresso nacional libertário.

Esta organização, que edita o periódico "Solidaridad" e parece ter grande influencia nos meios agrários, prepara agora um congresso nacional.

Nesta imoralíssima sociedade burguesa acontecem coisas engraçadas. Notícias divulgadas na semana passada por todos os jornais nos contam que na Itália, um cidadão qualquer, para satisfazer as vaidades e desejos de sua linda esposa, casada com os sacramentos da santa madre Igreja e legalmente constituída em marido e mulher à face da lei, foi obrigado a bater uma carteira.

Escolheu para vítima outro cidadão que lhe pareceu natural respeitável, e deu o golpe certo, pois a carteira saiu facilmente da algibeira do descuidado e pacato transeunte.

Mas uma surpresa, dessas que a fatalidade põe no caminho de certos mortais para desespero deles e gáudio de seus semelhantes, esperava o marido amantíssimo que, para comprar "baton" e pó de arroz da querida esposa, arriscara a liberdade, talvez a vida, fazendo-se ladrão!

Na carteira surrupiada à sua vítima, encontrou o retrato da própria esposa, com amorosa dedicatória, e uma carta, mais amorosa ainda, cheia de carinhos e frases bonitas!

A conclusão lógica que tirou daquilo tudo era de que a sua lindíssima esposa o traía, tornando-se amante do pacato cidadão a quem batera a carteira.

Os entôlloes diriam logo que se trata de um castigo de Deus, que dessa forma quis revelar ao marido traído a infidelidade da esposa...

Nós, anarquistas, que não cremos em Deus nem no diabo, dizemos simplesmente que o fato de ele ser um ladrão é uma consequência do regime capitalista; que a traição de sua mulher é outra consequência da moral burguesa na sociedade capitalista e que essa trapalhada toda, inclusive os sócios que deu depois nas ventas do amante de sua mulher, são consequências, fruto e só possíveis nesta imoralíssima sociedade capitalista!

# Coisas Nossas

## UMA CARTA À REDAÇÃO

Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1947.

Camaradas,  
pelo anarquismo mil vivas!

Li, no último número de "A Plebe", na coluna do "Correio Plebeu", uma nota sobre o meu artigo, que aliás, julguei houvessem publicado. Estranhei-a, porquanto o mesmo, tratando de um problema importante, no meu modo de pensar, só mereceu, de vossa parte, algumas apreciações mal ditas que bem me mostraram, mais uma vez, a importância anárquica na maneira de propagar e difundir a concepção anarquista àqueles que, sedentos por Liberdade e Justiça, ou, desiludidos e céticos, buscavam guarida em alguma coisa humana, visando a ressurreição social.

Para haver liberdade e felicidade, antes de tudo, devemos abraçar a verdade, porque só esta nos levará àqueles. E como andarmos de par com a verdade se não nos fizermos lógicos? se é a lógica a única verdade na vida do ser racional?

Está dito, na vossa pequena crítica, ser o meu trabalho "assunto de divagação" e não "objetivo" (!), no entanto, eu vos afirmo, como anarquista que sou, não ter saído, arbitrariamente, do assunto do qual lancei mão para expressar a concepção anarquista, porquanto é o clero, com o seu Cristianismo, a maior miséria da humanidade, depois o Estado. Como vêdes, temos nós que inculcar no povo a reação pelo que é falso e pernicioso. Maior, bem maior e mais tática, tem que ser a luta contra os cristianismos e os seus clericalistas, uma vez que cega muito mais a crença que a opressão.

O meu trabalho, lapidado todo ele dentro da mais sã lógica, não ficará, em absoluto, (publicado num periódico anarquista), dissonante ou desatualizado, ante os outros trabalhos publicados. Não. Bem ao con-

trário, enriquecerá a nossa tese anarquista.

Vejamos o número de "A Plebe" que recusou o meu trabalho: — não tem um só artigo que mostre aos crentes, anarquistas ou não, o perigo de assim o serem. Não há uma crítica ao monstro seivador de misérias, nosso tenaz inimigo — o Clero. Trata muito bem das operações anárquicas, aqui e na Espanha revolucionária; traz dois artigos que, muito bem, criticam e expõem a ação social dos políticos. Um, "Vícios fundamentais desta sociedade"; "A Verdade apesar de tudo", o outro. Até no tratado do crime da Igreja da Penha, só "malharam" a ação social. Não quero dizer que recelam o clero, mas não o combatem com o devido merecimento. Se me lembro bem, no segundo número desta segunda fase, aparece um clichê sobre o mesmo...

Quando o não haver espaço no jornal, isto é muito lógico, porém, perdoai a Verdade, fosteis fracos e apaixonadamente descuidados quanto à pequena crítica feita ao meu artigo. Suponhamos fosse algum cético ou, tão somente, um novo candidato ao anarquismo que houvesse enviado o mesmo artigo! Tamanha seria o seu espanto!

Este trabalho fora feito por mim para ser publicado no "Spartacus", porém como saiu grande, pediram para que eu o mandasse para a "A Plebe". No entanto, aí também, não há lugar para ele. Nossos camaradas daqui, sentidos pelo acontecido, pediram-me novamente que eu vos pedisse o mesmo para ser publicado no próximo número de "Ação Direta".

Sem mais, espero o vosso pronunciamento com a urgência que puderdes dispensar.

PELO ANARQUISMO MAIS MIL VIVAS!

O camarada

Pelofano Maia

### Balancete de «A PLEBE»

Publicaremos no próximo numero o balancete relativo ao movimento das contribuições que tem sido entregues à administração de "A Plebe", bem como das despesas feitas até esta data.

### Meu Caderno de Criança CARTA A UM MENINO MAU

Meu amigo:  
Vai para sete anos que nos conhecemos. Embora sejamos vizinhos, mando-te estas linhas para te dizer algumas palavras sobre um assunto que sinto vergonha de tratar diante dos outros meninos da nossa roda.

Já somos, ambos, diplomados do curso primário. Você tem doze anos; leu muitos trechos sobre os animais e sabe que eles são, como nós, de carne e osso. Nós também somos animais.

Entretanto, eu vi, por diversas vezes, você apedrejar cães e gatos; também tenho visto aqueles passarinhos que você tem prisioneiros. Ontem, quando estávamos sentados na roda da carroça do Guanico, eu, você e os outros meninos da nossa turma, você contou uma das suas façanhas:

— Hoje de manhã, quando fui armar o alcapão na Quinta Reis, por não caçar nada, amarrei o Canelo a uma árvore e quebrei um pau nas costas dele. Sim, foi por causa dele, dos seus latidos e correrias, que os passarinhos não vieram! E quando cheguei à casa, cansado inutilmente, arranquei, de raiva, todas as penas do rabo do meu papa-capim.

— E você contava essas coisas todas com ares de valentão, de um menino mau. Sim, você é um menino mau!

Teu cãozinho não tinha culpa da tua má sorte. Se ele corria e soltava latidos em volta do alcapão, espantando os passaros é porque, talvez, sentisse frio, pois você sabe que ontem estava muito frio.

O teu papa-capim também não chamava os outros passaros, talvez por isso mesmo.

Nas árvores não havia ainda passarinhos, porque estavam agasalhados nos ninhos.

Você, meu amigo, estava agasalhado com muita roupa, por isso não sentia; mas o Canelo e o seu papa-capim estavam apenas cobertos com as vestimentas que lhes deu a natureza.

Eu não posso descrever, porque não sei, o mal que as avezinhas prisioneiras passam naqueles dois palmos de largura, entre as grades de uma gaiola. Mas recomendo a você, menino mau, a leitura de uma carta de Humberto de Campos "a um cidadão de dez anos", que pode encontrar no livro "Sombras que sofrem".

Os passarinhos que o Senhor Humberto de Campos Filho aprisionava eram seus amigos; mas os seus não são, meu amigo; não o são, porque você os maltrata. E eles sabem que você é um menino mau!...

Liberto

## "A PLEBE"

Caixa Postal 5739

SÃO PAULO

# Conceito Sociológico do Anarquismo

J. PERDIGÃO GUTERREZ

Em nossos dias discute-se anarquismo com aquela veemência e alta compreensão sempre presente nos debates de idéias, feitos pelos anarquistas de todo o mundo. Uns dizem ser o anarquismo oriundo da filosofia, outros afirmam que a questão econômica tem grande preponderância sobre as doutrinas anarquistas.

Nós preferimos afirmar que é uma doutrina sociológica.

Sim, o anarquismo é um composto sociológico. É filosófico, por ter sido concebido pelo pensamento humano como todas as outras doutrinas; é econômico, porque procura satisfazer todas as necessidades econômicas do indivíduo; e é sociológico porque, além dessas duas particularidades essenciais, visa a verdadeira concordia social entre todos os seres.

Afirmar-se que o anarquismo é fruto exclusivo da filosofia é tão pueril como querer fazê-lo passar como filho dilecto da questão econômica.

Ambas se unem e se completam, compõem o ideário anárquico.

O anarquismo — ou aquilo que os anarquistas querem ver implantado sobre a terra: — liberdade de reunião, de locomoção, de pensamento escrito ou falado, de trabalho, de vínculo matrimonial, etc., igualdade econômica, igualdade social e igualdade de educação, tem sido almejado por todos os seres, desde os tempos prehistóricos. O homem peludo, habitante das virgens selvas, e possuindo como meio de defesa apenas seus robustos braços ou a agilidade do macaco para subir, celere, em uma árvore, quando percebia aproximar-se um inimigo, no caso, as feras, e dormia, por precaução, nas grutas naturais ou sobre a ramagem das árvores, procurava conseguir um melo pelo qual pudesse libertar-se do constante perigo que o rodeava. Com o aumento das populações, foram-se organizando em sociedade ou tribus,

I

onde já se procura organizar festas e cantigas para deleitar os componentes da comuna. Sempre querendo progredir, o homem descobre o sillex, com o qual fabrica instrumentos de trabalho e armas de defesa. Então começam as lutas intestinas, as revoltas contra os primeiros caciques, as guerras civis, todas procurando libertar o homem do estado em que jazia e organizar uma sociedade melhor.

Quando, depois da conquista da Grécia pelos fenícios e egípcios, os gregos chegaram ao esplendor de sua civilização, surgiram os célebres filósofos ou pensadores com suas máximas morais, procurando corrigir os desmandos dos homens, não foram eles, filósofos, os criadores da idéia; apenas estudaram a psicologia social da época, amalgamada com o sangue dos escravos sempre em constantes revoltas contra os senhores, e transmitindo o fruto dessa análise aos seus semelhantes. Se Platão tinha amor eterno por todos os seres e Tales de Mileto procurava inculcar o amor entre os homens, ambos receberam essas idéias do refluxo do pensamento popular, não sendo de estranhar que, no escaninho da sua existência pregassem o amor ao próximo, com receio da revolta popular, já que pertenciam à nobreza. Platão era um aristocrata ateniense que, estudando a república de Esparta e observando os anseios populares da velha Atenas, concebeu uma república na qual fosse socializado tudo, desde os bens sociais, até às mulheres; os filhos pertenceriam ao Estado, ao completarem 17 anos.

Nós, os anarquistas, não podemos compartilhar dessas idéias, por não admitirmos que seja a mulher con-

# Filmes em revista

"Os melhores anos de nossa vida" — Três horas de filmagem, a nos mostrar um ente que se quer libertar de um dos muitos complexos causados pela guerra. Ressalta-se em "Os melhores anos de nossa vida", a inutilidade das grandes "carnificinas", e nele temos uma das consequências a que nos podem conduzir esses sórdidos movimentos engendrados pelo Estado.

Mas, com o decorrer do tempo, o realce se acentua em seu sub-conciente, colbando-lhe as iniciativas, es-

magando-lhe os ideais. Só com muita força de vontade e após muitos sacrifícios, consegue livrar-se, para viver uma vida melhor.

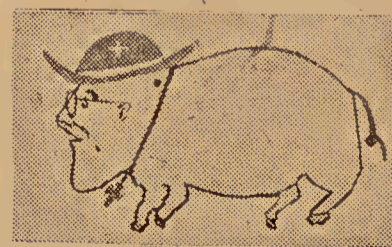
Bom argumento, embora não tenha sido muito bem explorado. Era de se esperar da imaginação brilhante de William Wyler melhor direção e mais expontaneidade nas sequências. Existem nele diálogos que duram mais de 15 minutos, o que, a despeito do interesse que têm, cansam o público em exaustivas concentrações, que poderiam ser evitadas, tornando o filme um pouco monótono.

Otimo desempenho dos artistas. Em "Os melhores anos de nossa vida", evidencia-se o carácter de fraternidade da sociedade anarquista. É um filme que vale a pena assistir, porque nele se evidencia o choque psicológico de vários destinos humanos, em luta com o meio e sofrendo as consequências desta organização social imperfeita, colocando-nos em face das causas que determinam a anulação do indivíduo, que é sacrificado aos interesses criados do capitalismo.

Sobre o ponto de vista moral, este filme nos apresenta uma das mais belas formas de solidariedade humana.

Waldemar

# CAUSTICOS SOCIAIS



## SUINOVINO, FILHO DE CARNEIRO COM PORCO

(Dos jornais)

...Pelos resultados comprovados no cruzamento do carneiro com porco, cujo produto, que nega certas leis do híbrido, foi denominado Suinovino (ou Suinoclericalismo), este bizzarro padre é um porco 100%. Seu aspecto é robusto, bem conformado, com costelas redondas, pernas curtíssimas. Pasta normalmente, e no bolso dos imbecis; não é necessário mão de obra na sua alimentação, desenvolve-se com rara facilidade, e engorda somente com "grana".

# A PLEBE

S. PAULO, 1.º DE SETEMBRO DE 1947

ANº 31 — NUM. 7 (Nova fase)

## Campos, Fábricas e Oficinas

### Gréves Políticas e Gréves Reivindicadoras

Devem os anarquistas participar de uma greve, mesmo que não estejam de acôrdo com a sua orientação, ainda que esta seja deflagrada por motivos políticos?

A *Federation Anarchiste*, da França, responde sem hesitações, pelas colunas de "Le Libertaire": — **E' preciso antes de tudo, estar presente.**

Nós devemos estar, não ao lado dos políticos, mas ao lado dos explorados em luta, em todos os movimentos reivindicadores.

Si eles se iludem ou foram iludidos, cabe aos anarquistas demonstrar-lhes que estão errados, no curso da ação e enquanto se desenrolam os acontecimentos.

E' justamente pela nossa presença que nós podemos contribuir para que se generalizem as aspirações das consciências operárias, dando ao movimento uma nova orientação.

Nós devemos participar de todas as gréves, tendo em mira os seguintes objetivos:

1) Ser os mais dinâmicos, os mais devotados, constituindo, por assim dizer, o sistema nervoso da greve. Só assim conquistaremos a confiança e o direito que nos permitam desenvolver os nossos pontos de vista.

2) denunciar os objetivos políticos, imprimindo ao movimento o caráter das reivindicações economicas sobre o ponto de vista revolucionario. Da mesma forma devemos agir quando se trata de movimentos stalinistas, cujo objetivo visa exclusivamente a posse do poder, demonstrando-lhes a natureza...

trando aos trabalhadores a inutilidade ou a insuficiencia dos seus esforços nesse sentido.

Efetivamente, é comum o fracasso das gréves por falta de objetivos de caráter imediato, ou por serem estas deflagradas fóra de propósito ou com o propósito de estabelecer confusões de ordem politica, utilizando-se, os aventureiros da politica partidária, das massas trabalhadoras para conseguirem os seus objetivos.

As greves justificam-se quando visam reivindicações de ordem moral ou a conquista de melhorias imediatas que correspondem às necessidades sentidas pelos trabalhadores.

Quando a consciencia proletária se manifesta no sentido de fazer valer um direito ou reparar uma injustiça, as gréves constituem a arma mais poderosa na luta pela emancipação das classes exploradas.

Mas, sendo movimentos reflexivos, tornam-se, por vezes, perigosos para aqueles que deixando-se ludibriar na sua boa fé, consentem que nos seus movimentos de protesto se infiltrem os eternos "profiteurs" da politica demagógica, o que acontece muitas vezes, ao ponto de se tornarem ridiculas as pretensões dos grevistas.

Nesses casos a greve é arma de dois gumes que quase sempre fere aos proprios trabalhadores, pois que, conhecidos os motivos que a determinaram, não encontram no ambiente o apoio necessário a garantir-lhes o exito.

O mesmo não acontece com as gréves que defendem um principio, quer se trate de melhorias imediatas, quer em sinal de protesto contra uma afronta moral de que a classe em greve foi vitima.

Nas gréves, como em todos os movimentos revolucionarios, deve prevalecer o ponto de vista que não determine a conclusão de que não são justas.

Estamos, por essa razão, de pleno acôrdo com a resposta da "Federation Anarchiste" da França á pergunta sobre se devem os anarquistas participar das gréves, mesmo que estas não tenham, ao serem deflagradas, o caráter que devem ter, de reivindicações imediatas ou em sinal de protesto para reparar uma injustiça.

Todos os movimentos de rebelião devem contar com a presença dos militantes libertários, no sentido de se tirar de todos esses movimentos alguma coisa em beneficio da liberdade e da justiça.

### JESUS CRISTO - O Carrasco de Judas

Jesus dava execução aos seus "milagres" (tal como diz o cristianismo), tornando água em vinho, dividindo um só pão para sete mil bocas, ressuscitando Lázaro, etc., etc., enfim era um fantasma com uma força poderosa, que contrariava as próprias leis da Natureza!...

Ora, há muitas histórias sobre Jesus, e como tal, muitas contradicções. Porém, pela lógica, e por um conhecimento pragmata podemos fazer brotar a verdade sobre o tumultuoso problema. Senão vejamos. Se Jesus era de fato uma força superior, "sobre-natural", um filho do deus soberano lá dos céus, ele não era dotado dum conhecimento das coisas, mas sim dum saber. Um ser divino não aprende, — sabe! Portanto, assim sendo, Jesus devia saber o que lhe esperava e quem era Judas. No entanto, para que se desenrolasse o trágico drama, fez de Judas um mártir, tornando-se, Jesus, um carrasco para o seu estremo discípulo.

— Mas como? Muito fácil. Quando Jesus foi pregar na Galiléia, antes enviou o seu emissário de preparações afim de fazer angariações e preparar o ambiente. Judas, uma vez em Galiléia, foi sabedor de que ali se achavam soldados com ordens de prender e matar o seu formidável e poderoso "mestre". Achou muita ironia naquilo. Teve uma idéia, safada de sua crença. Idealizara uma estupenda recepção ao "senhor" com grandes festejos e "milagres".

Com grande convicção nos feltos anteriores de Jesus, o homem que fazia e desfazia, procurou os soldados de Heródes e por uma considerável soma, comprometeu-se a mostrar-lhes Jesus — o Rei dos Judeus.

Judas saiu dali delirante e jubloso, já prevendo os futuros acontecimentos, pois, ninguém mais que ele, apreciava os "milagres".

Preparou uma "faustosa ceia" e os devidos arranjos para os festejos e predicações.

Durante o ceia, Jesus e seus discípulos abismaram-se, pois nunca houvera ceia igual. Uma suspeita surgiu. Ou um furto, ou a traição. "Um de vós me traiu", "Aquele que mejer a mão comigo no prato, será ele". Judas mais uma vez se apressou em se mostrar orgulhoso do que fizera, pouco ligou ás palavras do

mestre. Anslava pelos milagres da próxima exibição do "senhor".

Nos sítios das Oliveiras, Jesus foi apresentado aos soldados que o prenderam e o encaminharam a Heródes. Com ele seguiram seus apóstolos. Judas aguardava o momento em que Jesus usasse sua força e seu poder divino contra as forças e o poder dos senhores da terra. Nunca pensaria que Jesus se acovardaria perante os militares, pois quem fazia renascer um homem, tornar água em vinho, andar sobre as águas e matar a fome de sete mil pessoas com um só pão, podia muito bem atomorizar um exército, apagar o sol ou abrir a terra, ou pelo menos, tornar-se invisível aos olhos dos "infelizes".

Nada acontecia porém. Judas acompanhava atento e impaciente "Que pretende fazer o 'Mestre'!"?

De Heródes foi a Pilatos. Jesus surrado. Judas começa a compreender o fracasso de suas boas intenções. A longa crença cegara-lhe a razão! Não podia crer naquela fraqueza que vinha do "divino Mestre". As perturbações causavam-lhe o remorso e culpas. Ele é que tinha sido forte. Acreditara cegamente naquele que havia dito: "crê, a fé transpõe montes". No entanto foi crendo e confiando no seu poder que ele assim procedera.

Já no Calvário, Judas chegou-se a Jesus e falou: "Mestre! porque me traistes! Tu poder e o poder de teu pai, onde estão! Que será agora de teus milagres?". Ao que lhe respondeu o crucificado: "O meu reino é o reino do céu".

Judas procura consolo nos amigos, expurgado no entanto pelos seus proprios companheiros como um traidor, volta-se a Jesus e diz: Senhor! Para sua glória era preciso que eu fosse uma isca? Que fizeste de mim, senhor, um traidor? Sois pois o carrasco de minha alma angustiada, assassina de meu corpo!" Como um louco vira-se para os outros apóstolos e diz-lhes: "Sabei, se houve um crime foi o de minha crença; se eu sou um criminoso, vós sois uns falsos".

Assim se explica a ação de Judas. De duas uma: ou tudo que o cristianismo conta de Jesus é mito, ou ele é o carrasco de Judas.

Peloriani Máia  
(Da Juventude Spartacus, do Rio de Janeiro)

### A ULTIMA EXPERIENCIA

Tinha razão o grande lutador russo: dentro das normas capitalistas não existe solução para os problemas humanos, não existe, porque as transformações políticas operadas no mundo desde fins do século XVIII deixaram de pé a origem de todos os males que é a exploração do homem pelo homem.

A Tomada da Bastilha, naquele memoravel 14 de Julho de 1789, culminou na promulgação dos Direitos do Homem e na abolição do feudalismo. A revolução de 1793 confirmou estas conquistas que foram seladas com o sangue dos Capetos, ao rolarem na guilhotina as cabeças de Luis XVI e Maria Antonieta.

Surge, então, o capitalismo e com ele o chamado sistema democrático, tendo como lema o "governo do povo pelo povo". Infelizmente, esta conquista não passou de um lema, pois se ao homem era concedida a liberdade politica, ele continuava submetido á escravidão economica.

Antes, escravo do senhor feudal; depois, escravo do salário.

Surge a revolução de 1848. Proudhon afirma em pleno parlamento que a "Propriedade é um 'roubo'". Luta o povo nas ruas de Paris. Cai a tirania de Luis Felipe. Triunfa a segunda republica e os que a conquistaram, derramando o seu sangue generoso, continuam na triste situação de escravos.

E chegamos á Comuna de Paris, em Março de 1871. Impera em seus atos a influencia da primeira Internacional. O proletariado, já organizado, dá provas do seu valor revolucionário e da sua capacidade construtiva. Treme o capitalismo, a reação internacional se organiza e a Comuna foi vencida. Na hora trágica, Thiers, o tirano da terceira republica une-se aos inimigos da sua própria patria para vencer os heróicos comunalistas que fizeram de Paris um verdadeiro baluarte.

A obra da Internacional era fecunda. O proletariado organizava as suas forças disposto para a luta, para a conquista de uma existencia mais justa e humana.

E surge a epopéia de Chicago no dia primeiro de Maio de 1886, as lutas de Madrid e Barcelona em 1888, 1890 e 1891. A convulsão russa em 1906, a semana trágica de Barcelona em 1909, e por fim o capitalismo provoca a guerra de 1914 para fazer frente ao perigo de uma transformação social.

No decurso da guerra surge um grande acontecimento histórico, a re-

CENAS DE QUALQUER CIDADE SOB O REGIME CAPITALISTA:



Uma esmolinha pelo amor de Deus...

### Para a Divulgação de "A PLEBE"

Com o último numero de "A Plebe" foi distribuido um boletim destinado ás assinaturas, iniciando assim a campanha dos 5 mil assinantes.

Desse boletim faz parte um "coupon" que deve ser destacado e remetido á nossa Caixa Postal, acompanhado da importância correspondente á assinatura anual.

Todos aqueles que sentem a necessidade da propagação dos ideais defendidos por este jornal; todos os que, vítimas da organização social do capitalismo opressor, sentem-se, como nós, irmanados na luta pelo advento de uma sociedade livre, podem e devem procurar conseguir pelo menos, uma assinatura entre os seus conhecidos e amigos, demonstrando assim o seu interesse pela obra que "A Plebe" vem desenvolvendo.

"A Plebe" não tem materia paga, não vive de subvenções partidárias, estando a sua publicação regular dependente das contribuições voluntárias da venda avulsa, que dá prejuizo, e das assinaturas.

Conseguidas as 5.000 assinaturas, "A Plebe" tem a sua publicação regular garantida. E isso não é difficil.

volução russa em 1917, e em Setembro de 1918 a revolução na Alemanha, que estabeleceu a Social-Democracia como sistema politico. Vem depois a revolução hungara e a seguir o gesto maravilhoso dos trabalhadores italianos ocupando as fábricas e demais centros de produção.

As transformações políticas nada fizeram para aliviar os males humanos, pois continuava sem solução o problema fundamental causador de todas as desgraças e desequilíbrios sociais — a existencia do Estado com os seus métodos de repressão e a sua engrenagem essencialmente conservadora em choque permanente com os interesses dos individuos e das coletividades.

Chegamos finalmente á maior de todas as tragédias: a revolução espanhola. Foram três anos de lutas titánicas em que o povo espanhol lutou só contra as hordas de Franco, contra os sicários de Marrocos, contra os exercitos de Mussolini e Hitler e contra a covardia das proprias democracias da Europa, que o abandonaram á sua propria sorte.

Durante esses três anos, o proletariado espanhol, livre da tutela capitalista, organizou a sua economia em bases mais justas e humanas, constituindo a ultima experiencia no sentido de se estabelecer uma organização social capaz de assegurar a todos os seres humanos a liberdade e o bem estar.

Em muitas regiões foram organizados os Municipios Livres e suprimidos os grandes latifundios, que foram sempre a causa fundamental da miséria existente entre as populações agrárias da Espanha.

Surgiram então as Coletividades Agrícolas, e, nelas, os camponeses, livres de toda tutela e tirania, trabalhavam com carinho, cultivando as terras com entusiasmo, com o afã generoso de que nada faltasse aos que lutavam pela causa da liberdade.

As organizações proletárias tomaram a seu cargo a direção da vida econômica, socializando as riquezas. Sob o seu controle, os transportes, as industrias, as minas, a instrução popular e todas as atividades humanas tomaram um impulso formidável.

Estava em marcha a transformação social. O povo, dono, enfim, de seus destinos, palpitava de emoção e alegria. Após setenta anos de intensas lutas, triunfava, finalmente, o sentido federalista de Bakunine.

O capitalismo tremeu. O povo espanhol demonstrava, de forma veemente que o proletariado, organizado com inteligencia, tem capacidade para reger os seus proprios destinos.

O triunfo de Franco representava o triunfo do totalitarismo encarnado nos sistemas em vigor na Italia e na Alemanha. O triunfo do povo espanhol seria o triunfo do proletariado, a Revolução Social. Entre os dois dilemas, a Europa capitalista não vacilou: sacrificou o povo espanhol deixando o campo livre as hordas totalitárias...

Com esse gesto de covardia, as democracias da Europa assinaram a sua propria sentença de morte. Caró, muito caro, estão pagando o seu erro!

Alguma coisa, porém, se salvou da hecatombe. O valor indomável de um povo que, em admirável epopéia, lutou heroicamente pela sua liberdade, e a experiencia vivida durante três anos de trabalho fecundo durante os quais ficou demonstrado que a unica solução para os problemas humanos é a organização de uma sociedade de produtores livres, baseado no sistema federalista que tem por base os municipios livres preconizados por Miguel Bakunine e citados pelo grande pensador Pi y Margall na sua grandiosa obra — Democracia e Federalismo.

XIS

### ESMOLHAS.

ALCOVA MOSCOVITA

"O alto comando russo critica asperamente a tendencia de vários officiais que estão se aburguesando, por estarem frequentando cabarés e se entregarem ao uso do álcool!" — (Dos jornais)

Julgando a vida melhor Sem disciplina e sem freio, Vão em busca de recreio O capifão e o major.

Da Russin, o Estado Maior Acha que isso é muito feio, E que assim, por esse meio, Tudo vai de mal a pior.

Este fato é corriqueiro Num país onde o dinheiro Tudo vale e compra tudo.

Mas é segredo de alcova Na patria de Ana Palowa. Mais respeito ao bigodudo!...

FREI JOÃO SEM CUIDADOS